

Resenha

GIBSON, S. A Gruta de São João Batista. A Primeira Prova Arqueológica da Veracidade dos Evangelhos. Rio de Janeiro: Record, 2008.

André Leonardo Chevitarese

I. O livro, publicado originalmente em inglês no ano de 2004, com o título *The Cave of John the Baptist. The Stunning Archaeological Discovery that has Redefined Christian History*, está organizado em duas partes: a primeira delas se subdivide em sete capítulos, mais a conclusão; enquanto que a segunda parte é formada por outros três capítulos. Devem ser ainda acrescentados à composição do livro: (1) uma lista significativa de ilustrações (fotografias e desenhos), as quais (pelo menos a maior parte delas) dialogam com a parte escrita; (2) uma bibliografia e notas, ambas são citadas conjuntamente, proporcionando ao leitor, caso ele se interesse, a possibilidade de aprofundamento; (3) um índice organizado por nomes e temas, normalmente ausente nos livros publicados no Brasil. Ele é extremamente útil na hora de se recuperar idéias, dados, lugares geográficos mencionados, mas que não foram prontamente anotados pelo leitor durante a sua leitura; e (4) um importante apêndice contendo a descrição feita por Josefo acerca de João Batista – o grande público não apenas não sabe da existência de informações sobre esse “profeta” fora do material neotestamentário, como também desconhece por completo quem vem a ser Flávio Josefo.

O cerne do livro está localizado na primeira parte da obra. Ali, o leitor tomará contato com os resultados finais do trabalho arqueológico em uma gruta situada nos arredores de Suba, próximo ao Kibutz Tzova, não muito distante da aldeia de Ain Karim. Nesta parte da obra, ele saberá como foram processados os inúmeros dados obtidos a partir das escavações realizadas entre 2000 e 2003. Já a segunda parte do livro pode ser compreendida como pesquisa complementar, o que não quer dizer que ela não seja importante, realizada pelo autor sobre a morte, local de enterramento, relíquias e cultos associados ao Batista.

II. O público leitor brasileiro, tão pouco acostumado em ler resultados finais de trabalhos arqueológicos, no geral, e de pesquisas de campo associadas às “origens” do cristianismo, no particular, facilmente vai chegar às mesmas conclusões propostas por Shimon Gibson: a gruta de Suba, alvo das investigações arqueológicas, serviu como lugar para que João Batista e seus seguidores, incluindo aí o próprio Jesus de Nazaré, desenvolvessem inúmeras e estranhas práticas

rituais, tais como a construção de círculos de pedra, a quebra de grandes quantidades de jarros e o uso de uma grande pedra para unção dos pés.

Considerando que a imensa maioria deste público não é dotada de um refinamento crítico que venha lhe proporcionar meios de dosar alguns argumentos, de aceitar outros e de ainda rechaçar por completo a maior parte das conclusões propostas pelo autor, não é difícil entender o porquê de um livro como este ter sido publicado tão rapidamente aqui no Brasil: o que se quer é explorar ao máximo o seu lado sensacionalista, aproveitando a “infantilidade” do leitor para tudo o que diz respeito à religião, independentemente dos campos de experimentação e das denominações religiosas envolvidos. Isto fica evidente já na capa do livro, que aqui ganha um ar de santidade no título e um novo subtítulo, senão propostos, pelo menos aceitos pela editora que o publicou. Com relação ao título, lê-se em inglês *The Cave of John the Baptist*, a Record optou por *A Gruta de São João Batista*; já o subtítulo, onde em inglês se lê *The Stunning Archaeological Discovery that has Redefined Christian History (A Fantástica Descoberta Arqueológica que tem redefinido a História Cristã)*, a referida editora estampou algo mais atraente *A Primeira Prova Arqueológica da Veracidade dos Evangelhos*.

Apesar das discussões trazidas por Gibson, como por exemplo, acerca dos rituais de limpeza judaicos ou sobre o culto em torno das imagens de um pé ou de pés no Oriente Próximo, sempre seguidas de indicações bibliográficas, verifica-se, de forma sistemática, o seu tratamento acrítico em relação à documentação neotestamentária. Pode-se mesmo dizer que lhe falta o equilíbrio (o que contradiz flagrantemente a sua própria fala, ver página 229) necessário no uso dos documentos, já que o seu objetivo é provar a estreita relação entre a gruta de Suba e João Batista. Por serem muitos os exemplos, apenas alguns deles serão aqui citados:

1º. Gibson admite como verdadeiro o relato dos autores cristãos sobre o massacre de crianças por parte de Herodes, o Grande. Ele chega mesmo a se perguntar:

“Poderia ser aquela a verdadeira gruta para a qual Isabel fugira com o bebê João enquanto era perseguida pelos soldados de Herodes? (ver página 96-97).”

Mais na frente, ele conclui:

“[...] devemos dar certa credibilidade à história da matança de crianças (aquelas com mais de dois anos de idade), ordenada por Herodes, o Grande (Mateus 2:16)” (página 146):.

Pode parecer incrível, mas em nenhum momento o autor se perguntou acerca do paralelismo entre esta história evangélica e aquela referente a Moises, contida no livro de Êxodo; esta relação seria obra do acaso ou uma clara intenção de Mateus em ler Jesus como sendo o novo Moises?

2º. O autor utiliza como argumento de prova a informação contida apenas e tão somente no evangelho de Lucas (1:5):

“Tanto o pai quanto a mãe de João eram descendentes de sacerdotes”
(ver páginas 97-98).

E se o leitor resolvesse perguntar ao Dr. Gibson: o senhor não acha complicado usar como argumento de prova uma informação contida apenas e tão somente em um único documento? O que o referido arqueólogo responderia? Para esta última questão, certamente, só mesmo Gibson poderia respondê-la. Agora, com relação à primeira pergunta, pode-se assumir facilmente: seriam poucos os leitores brasileiros em condições de formulá-la.

3º. Gibson estabelece uma confusa e superficial discussão metodológica acerca das fontes sobre o Batista:

“Em termos de confiabilidade, a melhor informação sobre João Batista deve ser extraída de Marcos e Mateus. No entanto, se o mesmo material surge tanto em Mateus como em Lucas, então há alguns comentaristas que julgam melhor usar Mateus como fonte. Ademais, se a mesma informação aparece nas três fontes, então se pode confiar, ao contrário, em Marcos” (p. 144).

Ele vai seguindo por este sinuoso caminho até chegar ao historiador Josefo, quando ele então afirma:

“O conhecimento de Josefo sobre João era de segunda mão, uma vez que ele nasceu pelo menos dez anos depois da decapitação, que aconteceu em 37 ou 38 d.C.” (página 145).

O que se deve extrair desta proposta metodológica? Bem, que Josefo trabalhou com dados de segunda mão quando falou sobre o Batista, enquanto que Marcos, Mateus e Lucas obtiveram informações diretas senão do próprio Batista, pelo menos dos seus diretos discípulos, a começar pelo próprio Jesus! Como forma de deixar claro ao leitor desta resenha sobre esta proposta metodológica: ele não

vai encontrar nada, absolutamente nada parecido em livros e artigos publicados pelos importantes pesquisadores da área do cristianismo originário.

4º. Gibson usa e abusa, em diferentes momentos do seu livro, do argumento do silêncio (como se ele fosse academicamente válido), como nas duas seguintes passagens:

“O que não está documentado nas fontes, no entanto, é que João provavelmente tivesse exortado aqueles que iam a ele a manterem sua pureza com freqüentes imersões em suas *miqwa'ot* na volta a suas casas” (página 194).

“Jesus pode ter batizado em uma gruta como a de Suba e pode muito bem ter sido enviado lá como “protegido” de João para ganhar experiência nos procedimentos de batismo e continuar a espalhar suas palavras” (página 197).

5º. O clímax da superficialidade das análises documentais, acrescido da necessidade que Gibson tem de reforçar todo e qualquer vínculo entre a gruta de Suba e João Batista é atingido no seguinte ponto:

“Acredito firmemente no conceito de longevidade da memória coletiva e no poder da tradição oral [...]” (página 205).

Só mesmo os mais ortodoxos dos fundamentalistas abonariam uma posição como esta!

III. O livro, apesar de trazer um tipo de análise (a arqueológica) pouco comum entre o público leitor brasileiro, o que não deixa de ser uma novidade, mantém a velha tradição editorial deste país de só publicar livros que reforcem a visão fundamentalista na forma de ler e interpretar o material neotestamentário. Neste sentido, pode-se dizer que este é um novo velho livro, como muitos já disponíveis nas livrarias deste país. Uma vez mais, vê-se aqui repetir o já surrado e equivocado estribilho: a Arqueologia demonstra uma vez mais que a Bíblia tem razão. Constata-se, por fim, não como uma surpresa, não, porém, para o autor desta resenha, a estreita relação entre um tipo de Arqueologia e a indústria do turismo da fé, como o próprio autor parece antever, quando de sua visita ao sítio de Cnossos, na Grécia:

“Posso imaginar que um dia o mesmo ocorrerá na Gruta de João Batista em Suba. Guias rodearão a entrada e oferecerão aos visitantes e

peregrinos um passeio pela gruta, para explicar-lhes a importância das descobertas arqueológicas feitas ali e o significado dos antigos desenhos” (página 230).